

## **A MIGRAÇÃO PARA A AMAZÔNIA:** trajetórias de sertanejos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas (Ceará, década de 1950)

Renata Felipe Monteiro<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 20/01/2025.

Artigo aceito em: 10/07/2025.

### **RESUMO:**

A migração de sertanejos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas (Fortaleza) teve início durante a Segunda Guerra Mundial, quando houve o deslocamento de nordestinos para a região amazônica, com o intuito de extrair a borracha. Após o fim da guerra, porém, a hospedaria continuou recebendo diversos retirantes durante toda a década de 1950 e, sobretudo, durante as estiagens de 1951-53 e 1958. O objetivo desses sujeitos era partir em busca de melhores condições de vida, encaminhando-se para diversas regiões do país, mas, em especial, para a região amazônica. Assim, através da análise de uma diversidade de fontes (documentos oficiais, relatos e, sobretudo, jornais) tentamos entender as trajetórias de migração de alguns nordestinos, que, na luta por sobrevivência, enfrentavam fome, lotação, doenças etc. Para isto nos embasamos em autores consagrados que abordam sobre migração, tais como Martins (2019), Martinello (2018) e Sayad (1998).

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração; Trajetórias; Hospedaria Getúlio Vargas.

Migration to the Amazon: trajectories of country people staying at the Getúlio Vargas Hostel (Ceará, 1950s)

### **ABSTRACT:**

The migration of sertanejos sheltered at the Getúlio Vargas Hostel (Fortaleza) began during the Second World War, when people from the Northeast moved to the Amazon region to extract rubber. After the end of the war, however, the hostel continued to receive many migrants throughout the 1950s and, especially, during the droughts of 1951-53 and 1958. The objective of these individuals was to leave in search of better living conditions, heading to various regions of the country, but especially to the Amazon region. Thus, through the analysis of a variety of sources (official documents, reports and, above all, newspapers) we attempt to understand the migration trajectories of some people from the Northeast, who, in the struggle for

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professora da rede municipal de educação de Fortaleza. Professora formadora no curso de história da Universidade Estadual do Ceará, modalidade à distância. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1415292137020166>. Email: [renata.felipe.monteiro@gmail.com](mailto:renata.felipe.monteiro@gmail.com).

survival, faced hunger, overcrowding, disease etc. To this end, we draw on renowned authors who address migration, such as Martins (2019), Martinello (2018) and Sayad (1998).

**KEYWORDS:** Migration; Trajectories; Getúlio Vargas Hostel.

## 1. Introdução

Em março de 1942 foram assinados diversos acordos entre Brasil e EUA para facilitar o encaminhamento de trabalhadores para a Amazônia, no intuito de extrair borracha que seria usada na Segunda Guerra Mundial (Secreto, 2007). Com isso, diversos pousos e hospedarias foram construídos entre as regiões Norte e Nordeste pelo Serviço Especial de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). À princípio, foram encaminhados homens solteiros ou casados desacompanhados dos familiares – esposas e filhos permaneciam em pousos em Fortaleza. Eram os chamados “soldados da borracha”. A partir de 1943, contudo, houve uma reformulação nesse sistema de deslocamento, sendo as famílias abrigadas na Hospedaria Getúlio Vargas, inaugurada naquele ano. Havia assim o encaminhamento de todos do núcleo familiar.

Mas, com o final da 2ª Guerra Mundial esses deslocamentos não cessaram. Pelo contrário, durante os períodos de estiagem que atingiram o Nordeste na década de 1950, 1951-1953 e 1958, tornou-se intensa a migração, não apenas para a região amazônica, mas para outras paragens do Brasil, como a região Sudeste, sobretudo, São Paulo e para o Centro-Oeste para a construção de Brasília.

Compreender a trajetória de migração, nos períodos de seca na década de 1950, de alguns sujeitos que partiram para a Amazônia é o cerne do artigo. Pessoas que, diferentemente do interregno entre 1942 e 1945, não eram convencidas por propagandas do governo federal. Partiam quando não havia mais motivos para permanecer, tendo em vista que tinham perdido colheitas e alimentos, animais e trabalho, havendo ainda a constante exploração nos latifúndios.

Com isso, acompanharemos o percurso de deslocamento de algumas pessoas, que porventura tiveram suas histórias evidenciadas em periódicos, em fontes

orais ou por parentes e pesquisadores. Trajetórias que não representam, devido a ínfima quantidade de documentos que foram registrados ou resguardados, o percurso de todas as pessoas que fizeram o mesmo caminho: sair de suas paragens em direção à Fortaleza, se registrar nas dependências da Hospedaria Getúlio Vargas para obter passagens do governo, aguardar os navios da Loyde – às vezes por meses – para se deslocarem em direção à região amazônica ou para outro destino. Um trajeto que era eivado de desilusões. Percalços que tinham continuidade ou eram multiplicados ao desembarcarem.

## 2. Trajetórias de Migração

Em fins de 1951 o jornalista cearense Edmar Morel a serviço do jornal *Última Hora* percorreu três hospedarias federais existentes no Brasil, Getúlio Vargas (Fortaleza), Tapanã (Belém) e Eduardo Ribeiro (Manaus) – remanescentes do período da Segunda Guerra Mundial – no intuito de averiguar a situação de penúria no qual se encontravam os migrantes nordestinos naqueles abrigos. Uma das críticas estava relacionada ao descaso do governo federal perante a saúde dos abrigados, tendo em vista que havia a proliferação de diversas doenças nestes espaços e uma quantidade ínfima de médicos. Na Hospedaria Tapanã, por exemplo, o repórter denunciava que “não existe um só médico do Ministério do Trabalho, nem uma enfermaria, transferidos, aliás, para a ilha das Flores no Rio” (A tragédia..., 26/12/1951, p. 8).

Durante o interregno de 1942 e 1945 havia um grande aparato logístico para encaminhar os trabalhadores para os seringais amazônicos que incluía a edificação de hospitais e enfermarias. Apesar disso, eram constantes os casos de epidemias e mortes nos pousos e hospedarias federais. Problemática que seria recorrente durante a década de 1950, quando já não havia um projeto de deslocamento em massa de pessoas para a Amazônia. Com isso, aumentaram exponencialmente os casos de doenças e falecimentos nos locais de abrigo dos nordestinos.

O jornalista Morel, no intuito de expor as mazelas existentes nos espaços que percorreu, trouxe à tona o percurso e os percalços que alguns trabalhadores migrantes enfrentaram até chegar à Amazônia. Um destes sujeitos foi o cearense Antônio

Teófilo, que saiu de Fortaleza – provavelmente já doente – e foi encaminhado para a Hospedaria Tapanã, em Belém. Naquele espaço foi constatado que o mesmo, juntamente com a esposa e os 9 filhos, encontravam-se tuberculosos. Mas como não havia um espaço para isolamento no hospital, os abrigados com diferentes enfermidades – coqueluche, difteria, tuberculose, raquitismo - convalesciam juntos.

Outra família entrevistada pela reportagem do jornal *Última Hora* foi do paraibano Manoel Henrique Filho. O mesmo havia embarcado com a esposa Joana M. Conceição e mais 7 filhos na cidade de Cabedelo/PB, mas durante a travessia até a cidade de Belém, dois filhos, Rivaldo e Luiza, faleceram, sendo seus corpos jogados ao mar. Mais dois filhos, Manoel e Dorival, “morreram de fome na fazenda ‘Boa Vista’, de um certo Joaquim Cabeça, a 30 quilômetros de Belém”. No período que o jornalista Morel estava em Belém, o migrante encontrava-se na Hospedaria Tapanã com a esposa e os filhos que sobreviveram, Eduardo, Oswaldo e Lourival. Estes, porém, encontravam-se tuberculosos. Provavelmente a convalescência dos filhos, atrelada às péssimas condições de vida na fazenda Boa Vista, os obrigou a procurar a assistência médica no abrigo federal, tendo em vista que na propriedade de Joaquim Cabeça “trabalhava na enxada de sol a sol para ganhar 5 cruzeiros por dia” (A tragédia..., 26/12/1951, p. 8).

Além das críticas à precariedade do hospital na Hospedaria Tapanã, o periódico trazia em suas páginas outras críticas às ações do governo de Getúlio Vargas desde o período de recrutamento de trabalhadores na década de 1940. Censuras que surpreendem, na medida que o jornal *Última Hora* era um dos principais meios de comunicação que apoiava às ações do governo varguista na década de 1950. Com isso, Morel afirmava que os trabalhadores enviados para a extração da borracha na Amazônia, entre os anos de 1942 e 1945, foram escolhidos de forma indiscriminada – exerciam em seus rincões de origem as funções de pedreiros, sapateiros, operários, entre outras – não havendo a preocupação com a aptidão ao trabalho no seringal. Assim, “de 30.880 pessoas que participaram da Batalha da Borracha, apenas, 4.202 regressaram com passagens fornecidas pelo Departamento Nacional de Imigração” (A tragédia..., 26/12/1951, p. 8).

É importante ressaltar que a quantidade de pessoas que regressaram para a região Nordeste, com passagens subsidiadas ou não pelo governo federal, após o final da Segunda Guerra Mundial foi bastante desproporcional em comparação ao número de sujeitos que se deslocaram para a Amazônia entre 1942 e 1945. A partir da publicização de uma documentação existente na Hospedaria Tapanã pelo jornal *O Povo* podemos entender, minimamente, quantas pessoas foram registradas na hospedaria, quantas foram encaminhadas aos seringais, quantas nasceram ou morreram nas dependências do abrigo federal, assim como saber quantas pessoas retornaram ao Nordeste, entre os anos de 1943 e 1952.

No ano de 1943, quando a movimentação de nordestinos entre as hospedarias federais localizadas em Fortaleza e Belém se intensificou, a Hospedaria Tapanã registrou a entrada de 18.563 migrantes, vindos de diversas regiões nordestinas. Mas somente 234 migrantes retornaram para seus locais de origem. Já em 1945, quando os acordos entre Brasil e EUA para a extração de borracha se finalizaram, houve o registro de entrada de 4.050 pessoas no abrigo em Belém, 1.422 retornados dos seringais que buscavam passagens no recinto de hospedagem e o retorno efetivo (*O povo...*, 11/01/1954). Nos anos de 1951 e 1952, mesmo com a ocorrência de uma grande estiagem na região Nordeste, os números apresentados sobre a emigração para a Amazônia ficaram aquém daqueles existentes no interregno da Segunda Guerra. Em 1951: chegados 2.242, retornados dos seringais 203, nascidos na hospedaria 12, encaminhados aos seringais 2.104, recambiados 110, falecidos 10. Em 1952: chegados 2.881, retornados dos seringais 339, nascidos na Hospedaria 9, encaminhados aos seringais 2.607, recambiados 235, falecidos na Hospedaria 1 (*O povo...*, 11/01/1954).

Para se explicar essa diminuição drástica dos números devemos analisar alguns aspectos: primeiro, não havia mais o apoio do governo federal para que as pessoas migrassem em massa para a Amazônia, como ocorreu na década de 1940. Pelo contrário, houve a tentativa de cercear a circulação dos migrantes nordestinos, buscando-se criar leis específicas que freassem esse deslocamento, sobretudo, para o estado de São Paulo. Além disso, nos idos de 1950, a região amazônica ganhou um

concorrente em potencial, o Sudeste, sendo para esta área que muitos nordestinos preferiram migrar devido a maior oferta de trabalho (Fontes, 2002). Por fim, haviam os discursos de diversos setores da sociedade – Igreja Católica, imprensa, políticos, dentre outros – que criticavam a emigração, acusando-a de esvaziar o Nordeste de mão de obra barata nas propriedades rurais (Ferreira, 2016).

A cidade de Fortaleza na década de 1950, sobretudo nos períodos de grande estiagem que ocorreram neste recorte (1951-1953 e 1958), também recebeu uma quantidade significativa de migrantes, vindos das mais diversas regiões do Ceará e de outros estados do Nordeste. A partir dos dados coletados pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em 1967, sobre o registro dos abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas entre 1956 e 1961 conseguimos entender, mesmo que precariamente, a quantidade de sujeitos que estiveram na capital cearense naquele ínterim e de quais localidades migraram: das 38.596 pessoas registradas na hospedaria 36.622 (94,9%) provinham do Ceará, sendo 28.801 (74,6%) do interior e 7.821 (20,3%) de Fortaleza. Além disso, migrantes de outros estados também foram registrados, sendo um total de 1.849 (4,8%) (Ceará, 1967, p. 41).

De acordo com a pesquisa acima, as regiões que apresentaram as maiores taxas de migração para Fortaleza foram “Baturité, Litoral, Sertão Centro-Norte, Sertão do Sudoeste e Cariri” (Ceará, 1967, p. 41). As cidades cearenses com maior incidência de migrantes que se deslocaram, no período de 1956 a 1961, foram Paracuru (Litoral), com 2.145, Redenção (sertão de Baturité), com 1.599, Uruburetama, com 1.571, e Itapipoca, com 1.088 pessoas, ambas áreas do Litoral. Mas a trajetória de migração que gostaríamos de problematizar é do agricultor Manoel Antônio, que durante a seca de 1958 saiu da cidade de Acaraú (Litoral) - localidade que teve 262 migrantes registrados pelo Instituto Joaquim Nabuco - em direção à Hospedaria Getúlio Vargas.

Diante de uma imensidão de sujeitos que se deslocaram do Nordeste em direção à Amazônia e/ou ao Sudeste nesta década de 1950 e em especial durante a estiagem de 1958, ter acesso a trajetória de alguns desses migrantes é



concomitantemente um privilégio e um grande desafio. É desafiador na medida em que a discussão em torno da migração se concentra mais na perspectiva macro das causas desse deslocamento, sendo o quesito econômico apontado como o principal impulsionador desse deslocamento em massa. Outra dificuldade encontrada está relacionada à ínfima quantidade de fontes disponíveis que abordam sobre a vida e o caminho percorrido por estes nordestinos na travessia para diversas regiões do país.

Nos propomos a entender, a partir da documentação disponível, como alguns trabalhadores migrantes realizaram esse movimento migratório por uma perspectiva da micro-história. Com isso, idealizamos problematizar sobre os motivos dessa migração constante na década de 1950 e, sobretudo, nos momentos de grande estiagem tendo como parâmetro as motivações pessoais desses sujeitos, ou seja, diminuiremos a escala de análise para entender as causas desses deslocamentos sob o viés dos sertanejos (Revel, 2010). Buscaremos, contudo, não negligenciar os motivos que denominamos como macro: econômicos, políticos, religiosos, entre outros.

O agricultor Manoel Antônio, morador da cidade de Acaraú, relutou bastante para partir durante a seca de 1958. Sua trajetória de vida e de migração foi evidenciada nas páginas do jornal *O Estado*, em uma longa reportagem publicada em 23 de agosto daquele ano. Ele trabalhava na agricultura para manter a esposa e os seis filhos, mas, durante a estiagem, viu-se sem a possibilidade de obter alimentos, tendo em vista que não era o proprietário da terra no qual trabalhava, ficando à mercê do grande latifundiário.

Entre o início do ano de 1958 e o dia de São José<sup>2</sup>, 19 de março, o agricultor continuou tendo esperança de haver chuvas, buscando sobreviver coletando e vendendo lenha na região. Mas suas expectativas esvaíram-se quando não houve nenhum chuveiro no dia do padroeiro do Ceará. Assim, sem conseguir obter alimentos com o plantio na terra, sem ter direitos trabalhistas como, por exemplo, salário mínimo e sem conseguir obter dinheiro vendendo lenhas, viu-se sem outra

---

<sup>2</sup> São José é o padroeiro do Estado do Ceará e de acordo com a tradição popular e a crença religiosa, caso não chova até ou no dia de São José, dia 19 de março, teremos um período de seca.

possibilidade que não fosse se alistar nas obras de emergência do governo federal, oferecidas pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Alistou-se na obra do açude Riachão, transformando-se assim em um “trabalhador-cassaco”, ou seja, em um trabalhador das obras emergenciais contra as secas (O homem..., 23/08/1958).

Na década de 1950, a expressão “cassaco” – animal existente no Nordeste, que se caracterizava como fedorento e faminto – foi associada aos trabalhadores que se dirigiam às frentes de trabalho durante as secas. Designação pejorativa que passou a ser largamente utilizada em jornais e em livros – publicados por engenheiros e jornalistas –, tornando-se corriqueira no linguajar popular. Luciano Barreira que, durante a estiagem de 1958, acompanhou os serviços realizados nas obras emergenciais, narrou no livro “Os Cassacos” a trajetória do personagem fictício Zuca Machado e de tantos outros cearenses. Sujeitos que recorriam às obras federais e estaduais, sobretudo a construção de açudes e estradas de rodagem, em última instância, quando já não havia mais animais para caçar, como sobreviver dos gêneros agrícolas plantados ou a “proteção” dos fazendeiros.

A narrativa sobre as dificuldades enfrentadas por Zuca Machado na obra fictícia – alimentação ruim, problemas com fiscais da obra, entre outros – assemelhavam-se em demasia à situação vivenciada por Manoel Antônio na obra do açude Riachão. No jornal *O Estado* encontramos seu relato sobre os desmandos do fornecedor naquele espaço, que lhe dava o que queria, ganhando muito pouco pelo trabalho. Aos sábados, retornava nos vagões dos trens da Rede de Viação Cearense (RVC) para sua residência, levando comida para a família. Mas “a comida era ruim. O milho era só o pó. O feijão era duro, velho e preto” (O homem..., 23/08/1958).

Diante dessas dificuldades – problemas com o fornecedor, pouco dinheiro, comida ruim –, Manoel ficou fascinado com a fala de um conhecido, Florêncio, que conversava em uma “bodega”<sup>3</sup> próxima a Praça da Igreja Católica de Acaraú. Florêncio relatava as aventuras vivenciadas como “soldado da borracha” na década

---

<sup>3</sup> Pequeno armazém no qual se vende secos e molhados.



de 1940 e as maravilhas da Amazônia (abundância das chuvas, dos rios, dos peixes, das matas com caças, das árvores com frutos e da fartura). A reportagem do periódico *O Estado* relatava ainda que

Manoel voltou para casa pensando nas palavras de Florêncio e na fartura da Amazônia. E no caminho para casa tomou a decisão de ir para a Amazonas, levando tudo e todos. Pela manhã informou a mulher Purificação da sua decisão. Ela que estava sofrendo com a fome, não via melhor solução que não fosse fugir dali, fugir da fome. Na segunda, no trem que levava os cassacos para a obra do governo não estava Manoel. Iria empreender uma viagem muito mais longa. Gastou o dia arrumando os pertences, liquidando os pertences e arranjando um dinheirinho. Depois foram rumo à Sobral. De Sobral vieram em um vagão de segunda classe para Fortaleza. Vieram parar no Otávio Bonfim e de lá, quase tateando, foram em direção à Hospedaria Getúlio Vargas (O homem..., 23/08/1958)

Assim, influenciado pelas palavras de Florêncio, Manoel resolveu abandonar tudo e empreender uma longa viagem em direção ao norte do país, em busca de melhorias para ele e sua família. Em que medida, contudo, Florêncio vivenciou todas essas benesses na Amazônia, enquanto trabalhava como “soldado da borracha”, que foram narradas para Manoel? Essa problemática é pertinente, já que, nos documentos oficiais, consta que, dos 65 mil brasileiros (homens e mulheres) que migraram em direção à Amazônia para trabalhar na extração do látex, entre 1942 e 1945, 45 mil morreram (Jornal de Brasília..., 26/06/1988). Daqueles que sobreviveram às doenças e ao trabalho exaustivo, muitos não conseguiram passagem para retornar às suas localidades de origem.

Essa discussão encontra paralelo com os pontos observados pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad que, ao analisar a situação dos jovens em uma pequena aldeia na Cabília (Argélia) que migravam para a França no período posterior à Segunda Guerra, percebeu que aqueles que retornavam para a respectiva aldeia construíam uma versão diferente de suas condições de vida, sem problemas, apenas com vantagens. De acordo com um emigrante de Cabília entrevistado por Sayad, antes de emigrar, acreditava que na França seria como na aldeia, pois iria se encontrar com seus parentes e usufruir de todas as maravilhas descritas na aldeia por aqueles que migraram antes dele. Mas o que descobriu foi que era preciso chegar à França para descobrir a

verdade. Somente naquele lugar os sujeitos, seus conterrâneos de Cabília, contavam concretamente sobre suas péssimas condições de vida (Sayad, 1998).

Será que, tal como os jovens da aldeia de Cabília, Florêncio criou outra versão para sua experiência como “soldado da borracha” na Amazônia e contou apenas essa versão para Manoel? Este percebeu, quase imediatamente à sua chegada em Fortaleza, na estação do Otávio Bonfim, espaço que recebia desde a seca de 1932 grandes levas de migrantes vindos do interior, que sua jornada em direção às maravilhas da região amazônica teria muitos reveses.

No jornal *O Estado* há o relato que a primeira dificuldade encontrada pelo agricultor foi a superlotação da Hospedaria Getúlio Vargas. Os registros de movimento de entrada da respectiva hospedaria, entre os meses de janeiro e junho de 1958 – período que possivelmente Manoel e sua família esteve na hospedaria –, comprovam essa afirmativa: “23.300 pessoas foram registradas, dos quais 10.218 viajaram, 1.344 desistiram de migrar, 517 morreram e 11.177 ainda aguardavam embarque” (Araújo, 2000, p. 85). Assim, um recinto de hospedagem que teria a capacidade máxima para 1.200 pessoas, estava, em junho de 1958, com mais de 11 mil pessoas aguardando embarque para migrar. Com essa grande quantidade de pessoas, os problemas aumentavam sobremaneira: fome, doenças, mortes, ausência de condições sanitárias, entre outros. Percalços que impulsionaram os alojados a participarem de movimentos sociais, como, por exemplo, passeatas da fome.

Após sofrer “todas as humilhações possíveis” na Hospedaria Getúlio Vargas, Manoel um dia foi levado ao porto do Mucuripe, sendo “sacudido dentro de um navio, com suas parcas economias, pertences e sua família”. Mas a esperança de ver “a fartura da Amazônia” o fez aguentar todas as atribulações. Ao chegar, contudo, à Hospedaria Tapanã, em Belém, foi tão maltratado quanto nas obras do governo em Acaraú ou na Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza (O homem..., 23/08/1958). Sofrimento que se agravou com a espera, durante dias, por colocação de trabalho na região amazônica. Possivelmente, a respectiva demora tinha relação com a sua

inexperiência nas atividades extrativas nos seringais, dificultando assim sua contratação.

Um dia, porém, outro cearense “curtido e endurecido pelo trabalho no seringal” contratou alguns trabalhadores alojados na Hospedaria Tapanã para trabalhar no seu seringal no baixo Juruá, dentre eles Manoel Antônio. “Lá se foi Manoel e sua família. Outros dias de sofrimento no gaiola<sup>4</sup>. Os meninos adoeceram e os dois mais novos morreram durante a viagem”. Os momentos de angústia, contudo, não limitaram-se à travessia até o seringal. O jornal *O Estado* relatava que o cearense escreveu diversas cartas para seus familiares que moravam na região de Acaraú, relatando sobre seus infortúnios cotidianos na floresta amazônica.

As cartas sucederam-se e seguiram Manoel Antônio aonde ia de seringal em seringal. A insatisfação e o desejo de encontrar um lugar bom, para ele e para Purificação, mandavam-no andar. Um dia ele escreve satisfeito. Estava num seringal do Purus. Ali tinha sabido que um deputado do lugar deles, Acarau, em quem votaram, Dr. Colombo de Souza, tinha feito uma lei que dava um pedaço de terra para os retirantes na beira do Rio Amazonas e mandava o governo manter os pobres quando lá chegassem (O homem..., 23/08/1958)

O deputado federal José Colombo de Souza, eleito pelo Partido Social Progressista no Ceará, apesar da informação repassada pelo cearense Manoel Antônio, não propôs enquanto deputado qualquer projeto de lei que visasse distribuir terras para os migrantes nordestinos na região amazônica. Outras propostas com esse viés, porém, teriam sido postas em prática desde pelo menos a década de 1930, com a denominada “marcha para o Oeste”. Projeto implementado pelo presidente Getúlio Vargas em 1937, quando buscou-se povoar e desenvolver o interior do país (Secreto, 2007).

Além dessa informação, o cearense Manoel Antônio relatou ainda em missivas que após conseguir um pedaço de terra, um “sonho velho”, esperava que o governo federal proporcionasse aos nordestinos os mesmos benefícios que eram

---

<sup>4</sup> Gaiolas são embarcações movidas a motor que no Brasil fazem a navegação fluvial.

ofertados aos “japoneses que chegavam lá, todos bem tratados e com documentos de posse da terra” (O homem..., 23/08/1958).

Essa aparente animosidade entre o cearense Manoel Antônio e os japoneses na disputa pela posse da terra na Amazônia nos permite refletir sobre a ideia de fronteira no Brasil, definido por Martins (2019) como o lugar no qual ocorre conflito social. No caso dos retirantes nordestinos que se deslocavam para a região amazônica, desde pelo menos metade do século XIX, havia um estranhamento com o *outro* que ali residia – indígenas, seringalistas, posseiros, etc. – e com a própria floresta, *habitat* tão diferente daquele existente nos seus rincões de origem. Estranheza que às vezes não era superada, sendo necessário retornar ao Nordeste. Além disso, para Martins,

a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (Martins, 2019, p. 133)

Se por um lado havia nordestinos entrando em conflito com os imigrantes japoneses pela posse da terra e, sobretudo, exigindo o mesmo tratamento por parte do governo federal nos núcleos de colonização; por outro lado, havia aqueles migrantes nacionais que criavam uma relação amistosa com o outro, o estrangeiro, como veremos ao longo do texto.

No período do pós-guerra a imigração de japoneses para o Brasil e, em especial, para a região norte, foi incentivada pelo governo japonês. De acordo com Muto (2010) houve uma imigração dirigida, ou seja, planejada e autorizada pelos órgãos governamentais, havendo, porém, o intermédio de empresas promotoras da imigração que os encaminharam para colônias agrícolas. Com isso,

acertado os preparativos para receber os primeiros imigrantes de pós-guerra, em março de 1953 chegava o primeiro contingente composto de 17 famílias, totalizando 54 pessoas, os quais foram distribuídos entre as fazendas produtoras de juta da Região do Baixo Amazonas (Muto, 2010. p. 198)

Nos anos seguintes os japoneses foram sendo alocados em outros espaços da região norte. Mas diferentemente do que imaginava o cearense Manoel Antônio,

**Revista Espacialidades** [online]. 2025.1, v. 21, n. 1, ISSN 1984-817X [243]

as experiências desses imigrantes não eram as mais satisfatórias. Na colônia agrícola de Guamá, por exemplo, os grupos de japoneses começaram a chegar no final de 1955 e alguns foram enviados para as plantações de arroz em espaços que canais de irrigação e drenagem não haviam sido finalizados. Assim, “os colonos se viam abandonados pelo governo, e isso incentivou as deserções” (Muto, 2010, p. 211).

Além dessa problemática, os imigrantes japoneses relataram que não havia água potável, pois “tinham que beber e utilizar a água barrenta do rio Guamá, o que não é novidade para os ribeirinhos da região”. Para os japoneses, contudo, era uma péssima novidade tendo em vista que estavam habituados em seu país a ter água de qualidade. De acordo com Muto, “o maior problema, no entanto, era com as crianças, devido à proximidade do rio. Às vezes eram mordidas por piranhas, muitas se afogavam no banho” (Muto, 2010, p. 212).

Enaltecer o projeto de colonização na Amazônia era a proposta de diversos periódicos, sobretudo, daqueles ligados aos Diários Associados. Mas os núcleos coloniais eram exaltados inclusive por alguns jornais de oposição. No *Correio da Manhã* - apontado como um jornal de oposição ao presidente Juscelino Kubitschek -, por exemplo, foi publicada uma reportagem no dia 18 de março de 1956 no qual defendia-se que as experiências de povoamento na região amazônica eram exitosas. A vinda de imigrantes espanhóis na região de Bragantina, assim como de japoneses em Guamá, demonstrava a importância do

braço alienígena para a valorização econômica da agricultura da região, não só pelos novos processos e técnicas de trabalho que esses colonos tem implantado, como também pelo exemplo de ocupação sedentária bem sucedida que tem oferecido aos habitantes da região (Correio da manhã..., 18/03/1956, p. 12)

É perceptível que os objetivos da reportagem eram evidenciar a ausência de trabalhadores nacionais qualificados para as atividades agrícolas na região norte, sendo necessário recorrer à mão de obra estrangeira, assim como enfatizar que o êxito desses estrangeiros iria incentivar o projeto de povoamento arquitetado pelo governo federal. Essa ideia tornou-se mais evidente quando o periódico informou na matéria,

que a partir das experiências exitosas com espanhóis e nipônicos, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) iria

iniciar a elaboração de um planejamento de povoamento da Amazônia, mediante a drenagem dos excedentes populacionais do Nordeste, simultaneamente com a seleção de imigrantes adaptáveis à ecologia da Amazônia (Correio da manhã..., 18/03/1956, p. 12)

Apesar da informação contida no periódico acima, sobre as expectativas do INIC durante o ano de 1956 a respeito da migração de nordestinos para os rincões amazônicos, é importante salientar que o projeto voltado para o povoamento da Amazônia na década de 1950 teve início com a promulgação da Lei nº 1806, de 06 de janeiro de 1953. A respectiva lei determinava a criação de um Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Um dos sujeitos que partiram neste ano de 1953 para a região de Guamá, após a promulgação da Lei nº 1806 de 06 de janeiro, foi o nordestino Gabriel Gomes de Lima. Sua trajetória de travessia, semelhante a de tantos outros migrantes, foi eivada de dificuldades. O mesmo saiu em março de 1953 da localidade de Pedro Velho (Rio Grande do Norte) com a esposa e os filhos em direção à Hospedaria Getúlio Vargas em Fortaleza.

De acordo com os relatos dos familiares, cedidos à socióloga Coutinho (2015), Gabriel Gomes exercia as funções de tropeiro e negociante, saindo da localidade de Caiçara onde nasceu – interior da Paraíba – em direção à praia da Pipa no Rio Grande do Norte para vender feijão, milho, mandioca e outros gêneros alimentícios. Entre 1948 e 1953, contudo, o paraibano arrendou uma propriedade em Pedro Velho, ficando a lida da terra à cargo da esposa Satina e dos filhos, já que o senhor Gabriel Gomes preferia o trabalho como tropeiro, circulando entre as cidades limítrofes do Rio Grande do Norte e da Paraíba, vendendo alho, cebola, fumo, entre outras mercadorias.

A seca que atingiu o Nordeste em 1951 dificultou, porém, que Gabriel Gomes encontrasse compradores para seus produtos. Adversidade que agravou-se com a extensão da intempérie climática nos dois anos seguintes. Como explicou



Demétrio Gomes de Lima, o filho mais velho do senhor Gomes, a vida da família no ano de 1953, período que se deslocaram da localidade de Pedro Velho, ficou complicada: “houve uma época que teve um verão pesado. O comércio ficou ruim e uns amigos de papai diziam que o Pará era muito bom, tinha terra boa” (Coutinho, 2015, p. 101). Assim, tal como o cearense Manoel Antônio em 1958 migrou em direção à Amazônia induzido pelas palavras do ex-soldado da borracha Florêncio, Gabriel Gomes de Lima deixou-se persuadir pelas ideias dos conterrâneos e partiu rumo aos rincões amazônicos.

Além da influência dos amigos, com histórias de bonança e prosperidade na região amazônica, outro fator foi decisivo para que Gabriel Gomes optasse pela migração: a perspectiva de se tornar morador de algum fazendeiro, ficando impedido de exercer a função de tropeiro. Arelado a isto, soube que poderia obter passagens subsidiadas pelo governo federal até o Norte, saindo o navio da cidade de Fortaleza em direção à Belém. Assim, “uma vez tomada a decisão de partir, a família cuidou de vender o pouco que tinha” e com o dinheiro arrecadado, pagou as passagens entre a localidade de Pedro Velho, no Rio Grande do Norte, e a capital cearense. Percurso que “Gabriel, Satina, à época grávida, e seis dos sete filhos viajaram durante vários dias, em trens, ônibus e paus de arara, até Fortaleza” (Coutinho, 2015, p. 102).

Ao chegar à Fortaleza, a família se dirigiu até a Hospedaria Getúlio Vargas, mas não encontrou vagas disponíveis, permanecendo aproximadamente um mês debaixo de cajueiros que ficavam em frente ao abrigo. Enquanto aguardavam que outros migrassem, surgindo assim vagas disponíveis para que pudessem se alistar, Demétrio “vendia macaxeira para ajudar a sustentar a família” (Coutinho, 2015, p. 105). Estes sujeitos em deslocamento enquanto aguardavam nesse território da espera circulavam pela cidade com o intuito de obter alimentos e/ou dinheiro, às vezes mendigando, outras vendendo mercadorias ou envolvendo-se em saques e outras ações de massa. Esperar não era sinônimo de ficar estático.

Mas, na área compreendida por terrenos baldios, no qual havia cajueiros que Gabriel Gomes e sua família abrigaram-se, vivenciaram momentos de angústia. Quem

narrou à socióloga Coutinho a aflição familiar foi José Ramos, um dos filhos do senhor Gomes:

Toda vez que dava 20h vinha chuva. A nossa barraca ficava embaixo de um cajueiro no Alagadiço, aí todo dia vinha inverno, né. Aí o pai disse que ia invadir a igreja, né. Aí três pais de família disse: Seu Gabriel, corta o baralho pra mim? Quer dizer, pra entrar no meio, né? Aí foi os três pais de família na frente e as mulheres atrás com a meninada. Veio aquela fila. Aí o vigia veio, começou a se zangar e meu pai disse: ‘Olha, pelo amor de Deus, você fique quieto aí, senão você vai pro Americano’. O Americano era um vagão que tinha. Aí ele disse que ia ligar pras Forças [armadas]. Quando as Forças chegaram, aí eles deram comida, remédio, aí chegou com tudo. Aí fomos apoiados pelas forças (Coutinho, 2015, p. 107)

Na memória de José Ramos, uma criança de apenas 5 anos naquele ano de 1953, a figura de Gabriel Gomes foi idealizada tal como a de um herói. Para ele, foi a partir da iniciativa do pai, de tentar invadir a Igreja Católica, ainda em construção, que outros companheiros de infortúnio se uniram à sua causa e juntos, mesmo diante da ameaça do vigia em prendê-los em um vagão, conseguiram o apoio do Exército.

Além da idealização da figura paterna, José Ramos construiu uma imagem idílica das forças armadas, tendo em vista que na sua memória foi somente após a intervenção do Exército que os sertanejos alojados no terreno baldio conseguiram alimentos, remédios, entre outros benefícios, como fica nítido no seguinte depoimento:

Quando o Exército tomou de conta aí melhorou tudo. Houve a invasão do mercado dos aflagelado, né... Num tinha médico, tudo cabeludo, aí o Exército chegou com aquelas máquinas, né, aquelas riiiiiiiiiiii... Aí era dois minutos pra fazer o cabelo. Só não dava acabamento, mas era ligeira a máquina. Aí dizia: “Abre a boca!” Abria a boca: Dentes ruins. “Entra aí!” Entrava o dentista, extraía os dentes. Aí arrumaram de comer e barraca de lona (Coutinho, 2015, p. 107)

Essas ações assistencialistas eram enaltecidas também por alguns jornais em Fortaleza, sobretudo, pelos periódicos que apoiavam o governo estadual. Na edição do dia 24 de abril de 1953, o jornal *Unitário*, por exemplo, trazia uma reportagem informando que o Exército havia doado naquele mês diversas barracas de lona, sendo levantadas 12 no total, com o uso da mão de obra dos migrantes.

A família de Gabriel Gomes, como ficou subentendido pela fala de José Ramos, foi beneficiada com a instalação das barracas de lona cedidas pelo Exército, diminuindo assim os percalços relacionados à exposição constante ao sol e à chuva. Naquele abrigo improvisado permaneceram por alguns dias, pois na Hospedaria Getúlio Vargas não havia vagas suficientes para todos os inúmeros emigrantes que chegavam em Fortaleza naquele ano de 1953. Situação tão alarmante em todo o Nordeste que mobilizou a imprensa, entidades filantrópicas, políticos, artistas, entre outros sujeitos, em prol de auxiliar os nordestinos em uma campanha intitulada “Ajuda teu irmão”. A respectiva campanha, de acordo com o jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (*Gazeta de notícias...*, 17/04/1953) foi iniciativa do político Carlos Lacerda, um ferrenho opositor do então presidente Getúlio Vargas.

Nas páginas do seu jornal *Tribuna da Imprensa*, Lacerda publicou inúmeras reportagens cujo principal debate era a citada campanha “Ajuda teu irmão”. Na edição do dia 24 de fevereiro de 1953, publicou, na seção carta dos leitores, uma missiva de um dos grandes apoiadores da ação, o cearense Humberto Teixeira. Na carta o compositor solicitava o apoio dos radialistas para divulgar a campanha, prometendo, além disso, compor “o baião ‘Ajuda teu irmão’, cujos direitos autorais e artísticos da gravação reverterão integralmente em benefício dos nossos irmãos necessitados” (*Tribuna da imprensa...*, 24/02/1953, p. 4).

A revista *A Cena Muda*, que dedicava-se a divulgar as atividades artísticas realizadas no país, lançou no dia 01 de abril de 1953 uma reportagem sobre a iniciativa de Humberto Teixeira de compor uma música exclusivamente com o propósito de auxiliar na respectiva campanha.

Assim, após matutar durante vinte e quatro horas, compôs o baião ‘Ajuda teu irmão’. Feitas a música e a letra, saiu à cata de um intérprete que quisesse colaborar no movimento filantrópico. Não andou muito, entretanto, pois Carmélia Alves, tão logo soube dos fins a que se destinava o baião, acedeu em grava-lo, abrindo mão de todo e qualquer direito sobre a venda dos discos (*Revista a cena...*, 01/04/1953, p. 25)

A gravadora Continental ficou responsável pela gravação da música “Ajuda teu irmão”, iniciada no dia 27 de fevereiro de 1953, cuja letra buscava evidenciar as

agruras vividas pelos sertanejos devido ao flagelo da seca e instigar o lado solidário dos ouvintes.

Além das atividades realizadas pelo cearense Humberto Teixeira para arrecadar donativos para a região Nordeste, outro nordestino contribuiu na campanha “Ajuda teu irmão”, o cantor pernambucano Luiz Gonzaga. Além de participar de festivais com outros artistas, com o intuito de angariar doações para a população nordestina, compôs o baião “Vozes da Seca”, junto com o compositor e médico José Dantas. A música foi idealizada após a fala do presidente Getúlio Vargas, que “prometeu dar ao Nordeste e aos flagelados da sêca a assistência que se faz necessária” (Diário de notícias..., 10/04/1953, p. 4). Mas, diferentemente do baião “Ajuda teu irmão”, que visava instigar o assistencialismo dos brasileiros, a intenção da canção “Vozes da Seca” era cobrar do governo Varguista ações efetivas que proporcionassem trabalho e melhorias para o Nordeste.

É importante ressaltar que um dos shows realizados pelo músico Luiz Gonzaga na campanha “Ajuda teu irmão” foi nas dependências da Hospedaria Getúlio Vargas, em 20 maio de 1953. Mas de acordo com o jornal *Diário de Notícias*, após cantar para os abrigados o cantor

disse estar impressionado em haver tomado parte em vários festivais no sul do país, arrecadando milhares de cruzeiros em benefício dos flagelados cearenses e que até o momento não houvessem recebido. Disse, também, que, em face do acontecido faria, de agora por diante, uma campanha contra a doação de auxílio aos flagelados (Não foram ..., 21/05/1953, p. 2)

O discurso do músico Luiz Gonzaga na Hospedaria Getúlio Vargas deve ter sido bastante impactante, pois uma das principais lembranças dos filhos do nordestino Gabriel Gomes – Demétrio, Ramos, Darcy e Maria –, durante a permanência na respectiva hospedaria foi este show, no qual relataram à socióloga Coutinho que o cantor chorou de tristeza ao ver a situação dos trabalhadores abrigados naquele espaço, denunciando os “tubarões que haviam roubado o dinheiro que ele mandou para ajudar os aflagelados da hospedaria” (Coutinho, 2015, p. 107).

Apesar de Carlos Lacerda publicar quase que diariamente no seu jornal *Tribuna da Imprensa* notícias sobre o envio dos donativos arrecadados à região do Nordeste, assim como a prestação de contas sobre quais empresas, organizações e indivíduos estavam doando, as denúncias sobre desvios dos donativos eram constantes. Uma das acusações foi publicada na *Revista Momento Feminino*, um ano depois do início da campanha “Ajuda teu irmão”, no qual a equipe do periódico dirigiu-se até Fortaleza para averiguar as queixas sobre o desaparecimento do dinheiro e dos donativos arrecadados. Segundo um funcionário da Hospedaria Getúlio Vargas, “dessa campanha não chegou aqui nem mesmo uma camisa sem mangas” (*Revista momento...*, abril de 1954, p. 7).

Mesmo sem o auxílio dos donativos da campanha “Ajuda teu irmão”, foi naquele abrigo federal que a família de Gabriel Gomes permaneceu por muitos dias, aguardando passagens para embarcar para a região norte do país. Um período de espera que provavelmente não foi tranquilo, tendo em vista a lotação da hospedaria e os problemas inerentes a isto. Apesar de não haver relatos de José Ramos e dos outros filhos sobre este íterim, especificando sobre outras experiências vivenciadas naquele local até a travessia para a Amazônia, a partir da imprensa temos um vislumbre sobre os percalços vivenciados por estes.

No *Jornal Pequeno (PE): a verdade nua e crua* – periódico de média circulação e voltado para a população mais carente de Recife – houve a publicação de uma matéria de capa no dia 22 de abril de 1953, cujo título era “Gravíssima a situação do Ceará – CINCO CRIANÇAS MORREM POR DIA NA HOSPEDARIA GETÚLIO VARGAS”. Em letras garrafais, o jornal buscava alertar aos seus leitores sobre os percalços vividos pelos abrigados na hospedaria federal localizada em Fortaleza. Um desses problemas era a lotação, já que o recinto tinha a capacidade máxima de abrigar 1.200 pessoas e possuía em suas dependências “1.500 flagelados, registrando-se a média de cinco óbitos de crianças, por dia”, como salientou o governador em exercício Stênio Gomes (*Gravíssima...*, 22/04/1953, p. 1).

Reinava na Hospedaria Getúlio Vargas um ambiente propício para que houvesse um alto índice de mortalidade, sobretudo, infantil, tendo em vista a superlotação, a proliferação de doenças, assim como a ausência de uma grande equipe de médicos e outros profissionais para atender as pessoas. Com isso, sair daquela hospedaria era a alternativa mais segura em meados de 1953. Assim, Gabriel Gomes, a esposa Satina e os filhos migraram na primeira oportunidade para a região amazônica em um navio da Lloyd Brasileiro, denominado Poconé, travessia que durou 8 dias. Mas de acordo com José Ramos, a viagem teve alguns inconvenientes:

Passamos pela Ilha das Pororocas. Foi onde deu mais zebra. É quando tem o encontro do Rio Negro com as águas do mar. Foi lá que eu me lembro que a água batia muito no navio. Eu achava bonito era quando amanhecia o dia, o sol saindo, a água batendo nele [no Poconé]. Eu lembro que ele parou um dia e meio em São Luís [do Maranhão] (Coutinho, 2015, p. 109)

Ao chegarem ao Pará – local indicado a Gabriel Gomes pelos amigos no Rio Grande do Norte como a representação da prosperidade e da bonança – foram transferidos para outra hospedaria federal, a Tapanã. Naquele abrigo, permaneceram por vários dias, pois segundo seu filho, José Ramos, o patriarca se recusava a aceitar qualquer oferta de trabalho.

Aí todo dia chegava muita gente atrás de papai [na Hospedaria Tapanã] pra trabalhar na vacaria, mas ele não queria. Já que tava lá, queria um negócio melhor, né. Aí chegou um senhor com nome de Zé Guedes e ajudou com ele pra ir pra fazenda dele. Aí ele foi, ajudou e marcou o dia na quarta-feira que ele vinha, que ele era proprietário do caminhão naquela época e vinha apanhar a gente. Foi chegar era 6 horas da noite, aí nós viemos e fomos chegar era 12 horas na fazenda. Aí ele ficou lá um ano, mas com um ano ele não queria mais ser sujeito, sabe? Ele queria crescer. Aí falou com o homem que queria botar três hectares de terra, mas só se fosse de mata virgem... aí ele exigiu isso porque ele sabia que o homem não tinha essa terra lá, sabe? Num tinha como arrumar, né. Era pra ele poder sair fora, né. Aí disse: ‘Dom João que tem esses terreno todo, mas ele é muito bravo’. Só que ele falava alto por ele mesmo, sabe? Não tinha nada disso não, não era bravo não. Aí ele foi lá com Dom João e levou um outro ano, mas lá ele já montou comércio, começou a subir, né. Aí no fim do ano ele colheu 360 sacos de arroz... eu lembro ainda. Colheu muito arroz e depois comprou a terrinha dele (Coutinho, 2015, p. 110)

O depoimento, bastante extenso, nos possibilita problematizar sobre diferentes aspectos dessa família de emigrantes. Primeiramente, o senhor Gabriel Gomes era descrito pelos filhos e por outros parentes como alguém que não havia se



adaptado ao trabalho na agricultura, quando comprou uma terra em Pedro Velho (RN), preferindo exercer a função de tropeiro. Com isso, acreditamos que possivelmente aguardava uma proposta de trabalho que não estivesse relacionada ao extrativismo da borracha, atividade que lhe era completamente estranha. Outro enfoque era a percepção que José Ramos, na época uma criança muito pequena, tinha sobre o próprio pai, tendo em vista que enxergava-o como uma pessoa que, por ser alfabetizada, não se submeteria a aceitar qualquer tipo de emprego.

Mesmo após obter um trabalho, Gabriel Gomes, na memória construída por José Ramos, não queria se sujeitar às ordens do patrão, assim como não queria se tornar morador de um proprietário de terras no Rio Grande do Norte. Por isso, buscou adquirir posteriormente uma propriedade no qual pudesse plantar para si e sua família, investindo na plantação de arroz. De acordo com Coutinho,

a região onde Gabriel comprou sua terra chamava-se Miritueira, nos limites dos municípios de São José do Guamá e daquele que em 1961 se tornaria o município de Santa Maria do Pará (Coutinho, 2015, p. 112)

Propriedade que valorizou-se devido à proximidade com a rodovia Belém-Brasília.

Além disso, o arroz cultivado pela família era vendido nas mercearias da região e, de acordo com Maria – uma das filhas de Gabriel Gomes –, um estrangeiro comprava com frequência o produto: “ele era do comércio. Comprava para revender. A gente chamava ele de polonês, mas ele era japonês” (Coutinho, 2015, p. 113). Com isso, a presença do imigrante japonês em Guamá, o outro, não era percebida com desconfiança pelos nordestinos citados. Pelo contrário, a presença desse sujeito era aguardada constantemente, pois representava a comercialização do cereal produzido na propriedade familiar.

É importante ressaltar que, apesar de Gabriel Gomes e dos filhos terem conseguido se adaptar bem à região de Guamá, desenvolvendo vários projetos na agricultura, a família precisou retornar à Paraíba – cidade de Caiçara – no ano de 1960, pois dona Satina não havia se adaptado à região amazônica, sentindo muita saudade dos parentes que permaneceram no Nordeste.

### 3. Considerações Finais

As trajetórias de migração dos nordestinos Manoel Antônio e Gabriel Gomes e suas respectivas famílias são significativas para a pesquisa no sentido que possibilitam entender por quais experiências os migrantes alocados na Hospedaria Getúlio Vargas passaram nesses idos entre 1951 e 1958. Além disso, percebemos que estes sujeitos optaram, entre outros destinos possíveis naquele recorte, pela migração para a região amazônica. Um lugar considerado como o espaço do recomeço. Mas nessa década de 1950 o Norte ganhou concorrentes em potencial: as regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. Uma grande leva de emigrantes partiu em direção, principalmente, ao estado de São Paulo. De acordo com o historiador Paulo Fontes,

os anos 50 foram, provavelmente, o momento no qual o impacto da migração interna foi mais acentuado. Pela primeira vez na cidade de São Paulo o número de migrantes de outras regiões ultrapassava o das pessoas vindas do interior do estado. [...] Os trabalhadores oriundos dos estados nordestinos compunham a grande maioria dos recém chegados e empregavam-se em massa nos variados ramos da indústria e serviços em franca expansão na região metropolitana (Fontes, 2002, p. 54-55)

Na década de 1950, muitos nordestinos migraram para São Paulo, vindos de diversos estados da região, com destaque para a Bahia, de onde partia a maioria. No entanto, seria correto atribuir esse aumento do fluxo migratório apenas às estiagens que afetaram o Nordeste entre 1951-1953 e, com mais intensidade, em 1958?

Explicar esse deslocamento constante, fosse para São Paulo, para a região amazônica ou para outras paragens, apenas pelo fator climático é uma análise limitada, pois outros elementos também impulsionaram essa migração. Essa justificativa se torna ainda mais frágil ao observarmos que, ao longo de toda a década, mesmo em períodos de estabilidade climática, nordestinos, em especial os cearenses, recorriam à Hospedaria Getúlio Vargas em busca de passagens para migrar. A fuga das violências impostas pelos grandes latifundiários e a busca por melhores condições de vida, seja no campo ou na cidade, como salários justos, direitos trabalhistas e acesso à terra, parecem oferecer uma explicação mais consistente para o contínuo deslocamento populacional, fosse por meio de passagens subsidiadas pelo governo federal ou por iniciativa própria.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

A TRAGÉDIA sem fim dos nordestinos na Amazônia. A Última Hora, Rio de Janeiro, 26/12/1951, p. 8. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CORREIO da Manhã. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18/03/1956, p. 12. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

GAZETA de Notícias. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 17/04/1953. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

GRAVÍSSIMA a situação do Ceará. “Jornal Pequeno (PE): a verdade nua e crua”, Pernambuco, 22/04/1953. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

JORNAL de Brasília. Jornal de Brasília, Distrito Federal, 26/06/1988.

NÃO foram entregues os donativos. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 21/05/1953, p. 2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O HOMEM que fugiu da seca. O Estado, Ceará, 23/08/1958. Plebeu Gabinete de Leitura. Associação Cearense de Imprensa.

O POVO. O Povo, Ceará, 11/01/1954. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

REVISTA A Cena Muda. Revista A Cena Muda, Rio de Janeiro, 01/04/1953, p. 25.

REVISTA Momento Feminino. Revista Momento Feminino, Rio de Janeiro, abril de 1954, p. 7.

TRIBUNA da Imprensa. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 24/02/1953, p. 4. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

UNITÁRIO. Unitário, Ceará, 24/04/1953. Biblioteca Pública do Estado do Ceará.

### BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. **A miséria e os dias:** história social da mendicância no Ceará. São Paulo: Hucitec, 2000.

CEARÁ. **As migrações para Fortaleza.** Fortaleza: Secretária de Administração/Imprensa Oficial, 1967.

BARREIRA, Luciano. **Os cassacos.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1992.

COUTINHO, Priscila de Oliveira. **“Meu sonho era maior que eu”**: Biografia sociológica de uma trãnsfuga de classe. 2015. 300 f. Tese, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Cassacos**. Trabalhadores na Lida Contra a Fome e a Degradação nas Obras Públicas em Tempos de Seca (Ceará – Anos 1950). Tese, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FONTES, Paulo Roberto Guerra. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais**: São Miguel Paulista (1945-1966). Tese, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Ouro nos confins do humano. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MUTO, Reiko. **O Japão na Amazônia**. Dissertação, Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2010.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fortaleza. CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. Tradução: Anne-Marie Milon de Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez., 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EdUSP, 1998.

SECRETO, Maria Verônica. A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. **Estudos Históricos**, n. 40, p. 115-135, 2007.

SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.